

Publicado 1º Volume dos Dispersos de Sampaio Bruno

José Pereira de Sampaio, conhecido como Sampaio Bruno, por adoptar este nome após a leitura do mártir da Inquisição, Giordano Bruno, tem sido objecto de estudos vários acompanhando o interesse novo, ou renovado, que as Faculdades de Filosofia, Teologia e outros Centros de Estudos têm dado ao pensamento português.

Colaborador assíduo da Imprensa, não eram conhecidos os textos, dispersos por várias publicações, de Sampaio. A iniciativa e o mérito de sua publicação advém dum acordo feito entre o Centro de Estudos da Pensamento Português do Centro Regional do Porto da Universidade Católica e a Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

Neste contexto de colaboração se publicam agora os Dispersos, I (1872-1879) correspondentes aos verdes anos de José Pereira de Sampaio, dos 14 aos 21 anos, sendo o Prefácio, fixação do texto, notas e organização, da responsabilidade de Afonso Rocha e a pesquisa da responsabilidade de Joaquim Domingues e José Cardoso Marques. A edição é da Imprensa Nacional, na colecção Pensamento Português e o volume anda pelas 550 páginas.

Cumpre-nos em primeiro lugar saudar o aparecimento desta edição, na pessoa de todos os que a organizaram e do Director da Imprensa Nacional, Prof. António Braz Teixeira e isto por duas ordens de razões: primeiro porque os leitores das obras temáticas de Sampaio Bruno – A Ideia de Deus, O Brasil Mental, etc. – não poderiam chegar, sem este trabalho ao contexto em que se produziram; depois porque o jornalismo, em que ao tempo colaboravam os grandes vultos do saber e do pensamento, dava ensejo a uma atitude militante, em que as constantes combativas por um ideal são muito mais palpáveis.

E conquanto a evolução de Sampaio Bruno vá sofrer, com o tempo, toda uma evolução, é talvez nos *Dispersos*, mais do que em obras mais sistemáticas, que o fundo dos ideais republicanos, libertários e anti-clericais do tempo, melhor se compendiam.

É pois amplamente justificada a publicação destes volumes.

O volume I que temos entre mãos, estende-se como dissemos por quase 600 páginas e a simples leitura dos títulos constitui testemunho importante e elucidativo: desde uma galeria, dedicada aos reaccionários de Portugal sobre as figuras sinistras de Torquemada, Ravailac, César Bórgia, a uma sarcástica apreciação de **O Bem Público**, e a **Palavra**, ao tema da relação entre a maçonaria e os ultramontanos; desde a exaltação de Pierre Larousse ou Pedro Amorim Viana a textos mais filosóficos sobre o positivismo ou os transcendentalismos.

São textos de juventude que mostram a maneira como um jovem republicano fez a sua informação, frequentando a Biblioteca do Pai, que pertencia à maçonaria, mesmo os livros por ele reservados. Como confidenciará na sua obra já de 1902, *Carta Íntima* (Ideia de Deus), o que foi central na sua mundividência foi a descoberta, na idade de todas as sementeiras, que uma onda de progresso varrerá o mundo, na segunda metade do século XIX. Progresso que Bruno persegue tanto a nível da crítica à religião católica, como nas descobertas científicas, como nas novas ideologias.

Na sua obra transparece esta onda de progresso, contra reis e mandarins, contra os tentáculos da Igreja Católica e pela superioridade das ideias de República e autonomia que se implantam na sociedade. Como escreverá a época "era de gestão de prodígios, desde os prodígios materiais, como a abertura do canal de Suez por Lesseps, até os prodígios morais, como o advento do socialismo cosmopolita e solidário, graças à constituição da Associação Internacional de Trabalhadores, por Karl Marx".

Nesta atmosfera, como também confessa, "no meu cantinho de colegial moroso, pois que ainda estivesse verde para meditar, contentava-me com sonhar, o sonho sublime da paz e da liberdade, que não raro se tornava espesso e áspero, por se volver no pesadelo do ódio contra os déspotas. Um garotito de doze anos no que congeminava! É incrível hoje, porém assim éramos quase todos ontem".

Raízes...

O leitor poderá aqui encontrar a frescura os verdes anos de José Pereira de

Sampaio, cidade do Porto, entre 1872 e 1879.

Resta acrescentar que a obra tem um excelente Prefácio da autoria de Afonso Rocha, profundo conhecedor da obra de Bruno e a correcção dos trabalhos saídas da Imprensa Nacional.

Porto, Abril de 2008

Arnaldo de Pinho